

Um Simbólico Prefácio Interessantíssimo

Aqueles que se ligaram ao surrealismo não o fizeram somente por meio da sua linguagem artística. Murilo Mendes, por exemplo, aderiu ao movimento não apenas em sua linguagem poética, mas também em certos atos performáticos. Meu avô contava que, juntamente com Breton, Murilo foi vaiado por abrir um guarda-chuva no meio de uma apresentação de música em um teatro! Em texto sobre Breton Murilo diz:

Abracei o surrealismo à moda brasileira, tomando dele o que mais me interessava [...]. Tratava-se de explorar o subconsciente; de inventar um outro *frisson nouveau*, extraído à modernidade; tudo deveria contribuir para uma visão fantástica do homem e suas possibilidades extremas.¹³⁶

Tais imagens que brotam do inconsciente, condensando relações entre objetos, lugares e possibilidades extremas, têm raízes anteriores. Não é à toa que Pedro Kilkerry já havia dito que o Inconsciente é um poeta simbolista! Inconsciente simbolista nesta livre apropriação do surrealismo por Murilo Mendes, e escrita vinda desta estranha área do pensamento, povoada com imagens e policromias que também aparecerá no Mário de Andrade do “Prefácio interessantíssimo”. Neste, e em alguns momentos da *Paulicéia desvairada*, podemos encontrar esses traços, que já me parecem sulcos muito profundos, uma linha que para mim já caminha como trilha aberta, da herança simbolista ao modernismo brasileiro.

Em muitos momentos Mário recorre ao impulso do inconsciente para contar como escreve seus textos: “Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo que meu inconsciente me grita.”¹³⁷ Ou ainda, numa outra passagem em que o subconsciente cria o verso livre: “Um pouco de teoria? Acredito que o lirismo, nascido no subconsciente, acrisolado num pensamento claro ou confuso, cria frases que são versos inteiros, sem prejuízo de medir tantas sílabas, com acentuação determinada.”¹³⁸ A imprevisibilidade do inconsciente que constrói

¹³⁶ MENDES, Murilo. *Poesia Completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 2000, p. 1238

¹³⁷ ANDRADE, Mário. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993, p.63

¹³⁸ Ibid., p. 72

associações de imagens abruptas me lembra a crítica de José Veríssimo de que Cruz e Sousa parecia tirar papelinhos ao acaso para compor seus poemas. Se o fazia, antecipava revoluções na linguagem, pois levava às últimas consequências o poder das livres associações.

Quem leciona história no Brasil obedecerá a uma ordem que, certo, não consiste em estudar a Guerra do Paraguai antes do ilustre acaso de Pedro Álvares. Quem canta seu subconsciente seguirá a ordem imprevista das comoções, das associações de imagens, dos contactos exteriores.¹³⁹

Uma conversa com o lirismo que é antigramaticista como nas críticas de Alphonsus a Duque Estrada. Mário é um contrabandista da linguagem, os simbolistas também já o eram: “A gramática apareceu depois de organizadas as línguas. Acontece que meu inconsciente não sabe da existência de gramáticas, nem de línguas organizadas. E como Dom Lirismo é contrabandista.”¹⁴⁰

Este resgate da experiência simbolista no Prefácio interessantíssimo ultrapassa as preocupações com a escrita do inconsciente que, recolhida pela experimentação poética, produz um texto livre, arbitrariamente imagético, imaginativo e lírico. A proposta desvairista entra pelos caminhos da sátira, como faziam os simbolistas “Aliás muito difícil nesta prosa saber onde termina a blague, onde principia a seriedade. Nem eu sei.”¹⁴¹

O prefácio de Mário traz citações de dois grandes poetas simbolistas, o francês Mallarmé e o belga Verhaeren: “Você já leu São João Evangelista? Walt Whitman? Mallarmé? Verhaeren?”.¹⁴² Caminha também na contramão do verso polido e enxuto do Parnaso e se aproxima muito mais dos transbordamentos simbolistas: “Que Arte não seja porém limpar versos de exageros coloridos. Exagero: símbolo sempre novo da vida como sonho. Por ele vida e sonho se irmanaram.”¹⁴³ Uma ode ao excesso, ao transbordar, ao sonho e às imagens oníricas, aos exageros das cores, às imagens policrômicas das vogais coloridas de Rimbaud, ao branco que é soma de todas as cores. As cores dançantes apareceram logo em “Inspiração”, que no próprio nome já remete mais à explosão simbolista do que ao combate ao parnasianismo:

¹³⁹ Ibid., p. 66

¹⁴⁰ Ibid., p.73

¹⁴¹ Ibid., p.60

¹⁴² Ibid., p.61

¹⁴³ ANDRADE, Mário. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993, p.63

Inspiração

“Onde até na força do verão havia
tempestades de ventos e frios de
crudelíssimo inverno”

Fr. Luís de Sousa

São Paulo! comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original!...
Arlequinal!... Traje de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodoad!...

São Paulo! comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!¹⁴⁴

Este cinza e ouro, esta luz e bruma para mim são reflexos das leituras simbolistas muito bem aproveitadas dentro dos galicismos a berrar. Bem como as tensões e contrastes do forno e inverno morno... imagens e sensações e sentimentos não dos homens das primeiras eras, mas de poéticas simbolistas. Mário também escreve sobre uma musicalidade que remete às assonâncias melódicas dos simbolistas. “Virgílio, Homero, não usaram rima. Virgílio, Homero, têm assonâncias admiráveis.” e “A língua brasileira é das mais ricas e sonoras. E possui o admirabilíssimo ão.”¹⁴⁵ Toda esta sonoridade aparece em O trovador, nas repetições e no verso “a minha alma doente como um longo som redondo...”¹⁴⁶ que, nas assonâncias destes on, om e on em muito lembra o “*Comme de longs échos qui de loin se confondent*” de Baudelaire¹⁴⁷. E Cantabona! Cantabona! Dlorom... Mário é um tupi tangendo um alaúde, imaginado pelos simbolistas.

Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras...
As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal...
Intermitentemente...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo

¹⁴⁴ Ibid., p.83

¹⁴⁵ Ibid., p.67

¹⁴⁶ Ibid., p.83

¹⁴⁷ Como ecos longos que à distância se matizam. BAUDELAIRE, Charles. Correspondances. In: BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Edição bilíngüe. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

Cantabona! Cantabona!
Dlorom...

Sou um tupi tangendo um alaúde!¹⁴⁸

A música das assonâncias simbolistas soando nos versos de melodia também sedutora dos modernistas. Essa poética de cores e música vai atingir um ponto de ebulição em *As juvenilidades auriverdes*. Ebulição que já começa nas assonâncias e jogos de sonoridade do título, mas que ganhará a força modernista nas franjadas flâmulas das bananeiras, no lirismo dos sabiás, abacaxis, mangas e cajus. Sonoridades do gosto nacional, tão caro aos modernistas, torcidas pela fremente celebração do Universal simbolista. Para mim, este é um poema símbolo do encontro:

As juvenilidades auriverdes

Nós somos as Juvenilidades Auriverdes!
As franjadas flâmulas das bananeiras,
as esmeraldas das araras,
Os rubis dos colibris,
Os lirismos dos sabiás e das jandaias,
Os abacaxis, as mangas, os cajus
Almejam localizar-se triunfalmente,
Na fremente celebração do Universal!...
Nós somos as Juvenilidades Auriverdes!
As forças vivas do torrão natal,
As ignorâncias iluminadas,
Os novos sóis luscofuscolares
Entre os sublimes das dedicações!...
Todos para a fraterna música do Universal!
Nós somos as Juvenilidades Auriverdes!¹⁴⁹

Depois destes três poemas da *Paulicéia*, vejamos como as imagens “luscofuscolares”, os aromas dos “perfumes de Paris!... Arys” e a audição deste “longo som redondo” também já apareciam transfundidos no texto de Emiliano Pernetá:

Quando eu vou por um caminho, cercado de capinzais, batidos pelo sol – que espalha sobre a natureza uma grande risada de luz, irradiosamente alegre, colorindo a paisagem numa iluminação íntima; e o azul do céu distante solta umas canções estremecidas, puríssimas de harpa e no ar e no céu e na natureza inteira, há uma expansão religiosa e boa, a minha alma baila aos raios do sol, na alegria da vida e na abundância feliz por amor, transfundida nas cores, nos sons e nos

¹⁴⁸ ANDRADE, Mário. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993. p.83

¹⁴⁹ Ibid., p.105

perfumes...¹⁵⁰

Das cores, sons e perfumes para as concretudes visuais e sonoras da música e artes plásticas, Mário também entrega suas relações com o simbolismo:

Livro evidentemente impressionista. Ora, segundo modernos, erro grave o Impressionismo. Os arquitetos fogem do gótico como da arte nova, filiando-se, para além dos tempos históricos, nos volumes elementares: cubo, esfera, etc. Os pintores desdenham Delacroix como Whistler, para apoiarem na calma construtiva de Rafael, de Ingres, do Greco. Na escultura Rodin é ruim, os imaginários africanos são bons. Os músicos desprezam Debussy, genuflexos diante da polifonia catedralesca de Palestrina e João Sebastião Bach. A poesia... "tende a despojar o homem de todos os seus aspectos contingentes e efêmeros, para apanhar nele a humanidade..." Sou passadista, confesso.¹⁵¹

Impressionista foi um dos mil nomes que ganharam alguns textos simbolistas brasileiros num afã crítico classificatório. Assim aconteceu com as *Canções sem metro* de Raul Pompéia. Quando fala sobre escultura, Mário prefere Rodin aos imaginários africanos e a música de Debussy às polifonias. Mário se diz passadista, pois não faria as mesmas escolhas da moda moderna, mas que passado é esse que ele evoca? Passadista foi outro dos mil nomes pejorativos para os simbolistas.

No passo final deste encontro com o passado, num apanhado de heranças ecléticas, Mário diz:

Marinetti foi grande quando redescobriu o poder sugestivo, associativo, simbólico, universal, musical da palavra em liberdade. Aliás: velha como Adão. Marinetti errou: fez dela um sistema. É apenas auxiliar poderosíssimo. Uso palavras em liberdade. Sinto que o meu copo é grande demais para mim, e ainda bebo no copo dos outros.¹⁵²

Essa liberdade associativa, essa liberdade da palavra, a que podemos subverter o uso, como faziam os simbolistas quando criavam os significados de seus símbolos a partir do jogo livre entre significante e significado. E para resumir o prefácio inteiro Mário diz: “Poderia ter citado Gorch Fock. Evitava o Prefácio

¹⁵⁰ PERNETA, Emiliano. Apud: CAROLLO, Cassiana Lacerda (org.), *Dandismo e simbolismo no Brasil*. Rio de Janeiro e Brasília: Livros técnicos e científicos e INL, 1980, p.111

¹⁵¹ ANDRADE, Mário. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Villa Rica 1993, p.60

¹⁵² Ibid., p. 67

interessantíssimo. “Toda canção de liberdade vem do cárcere””.¹⁵³ Qual cárcere é maior do que a perseguição ideológica e estética? Foi este o cárcere simbolista que gerou esta canção de liberdade do símbolo no Brasil. Excluídos que deixaram uma enorme bagagem inventiva, imagética, musical, mística para a geração modernista.

Simbolismo e modernismo são um grandioso Fla x Flu que, como dizia Nelson Rodrigues, “começou quarenta minutos antes do nada. E aí então as multidões despertaram”¹⁵⁴. Um Fla x Flu pois um nasce do outro e são ao mesmo tempo fusão, amálgama policrômico, festival de cores e sons neste caldeirão Brasil. Os parnasianos e seus seguidores ou correlatos mais concretos são um Botafogo e Vasco, um clássico antigo, pode ter lá seu charme, mas sempre será em preto e branco. Foi em busca destas colorações em sons e aromas transfundidos que Mário de Andrade foi, ainda estudante, buscar o velho Alphonsus naqueles sertões mineiros.

¹⁵³ ANDRADE, Mário. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Villa Rica 1993, p. 77

¹⁵⁴ FERREIRA; Renato. FILHO, Oscar Maron (org.). FILHO, Mário. RODRIGUES, Nelson. *FLA-FLU... e as multidões despertaram!* Rio de Janeiro: Edição Europa, 1987, p.187